

Greve é inibida na emergência

A radicalização da greve dos médicos não está ocorrendo conforme o previsto pelo comando de greve do Sindicato dos Médicos. Ontem pela manhã, a diretora do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN), Jacira Abrantes, proibiu a paralisação do pronto-socorro e conseguiu manter a maioria dos plantonistas. No Hospital de Base (HBDF), o setor de emergência continua lotado, devido ao atendimento precário no Hospital Regional de Taguatinga e Hospital de Planaltina.

Apesar de considerar justo o movimento grevista, a diretora do HRAN não pensou duas vezes quando viu os sindicalistas colocando cartazes nas paredes de entrada do pronto-socorro, que avisavam que o setor estava fechado. Jacira Abrantes avisou que "quem não quisesse trabalhar fosse embora" e manteve sete dos 11 médicos plantonistas. Os demais, das clínicas de cirurgia plástica, geral, obstetrícia, médica e pediatria foram substituídos por profissionais voluntários de outros turnos.

Mesmo com a emergência em funcionamento, a diretora avisa que só estão sendo atendidos os pacientes que apresentam precário estado de saúde. Inclui-se nesta lista os casos de queimaduras, fraturas, enfartados, baleados, com asma grave e mu-



Os pacientes esperam longas horas sem garantias de que serão atendidos

lheres que estão em trabalho de parto. Devido a estas restrições, ontem, poucas pessoas procuraram o HRAN. A média diária caiu de 380 para 20 atendimentos. Na enfermaria mais de 200 leitos estão ocupados.

Crianças — No Hospital de Base continua grande a procura pelo atendimento de emergência. Crianças, idosos e adultos

ocupam 95 leitos do primeiro andar e várias camas espalhadas pelos corredores do primeiro andar. O vice-diretor do HBDF, Lairson Rabelo teme que a extensão da greve para os hospitais do Gama e Brazlândia agrave ainda mais a situação.

Lairson afirma que os 135 internos do pronto-socorro já estão sofrendo com a falta de espa-

ço físico e que o hospital não está preparado para receber um grande número de pessoas. Muita gente não foi internada, outros foram para a UTI e se fechar mais emergências daqui a pouco teremos 300 pessoas aqui", prevê.

Na opinião do vice-diretor, a categoria deveria ter aceitado a primeira proposta do secretário de Saúde, Jofran Frejat. Ele não concorda com a estratégia de fechar as emergências porque quem sofre é a população mais necessitada. Para evitar a queda da qualidade de atendimento, Lairson diz que, em condições excepcionais, o visitante pode acompanhar o paciente junto ao leito a fim de prestar assistência individual.

Espera — Enquanto a greve não acaba, alguns pacientes e parentes reclamam da deficiência no atendimento do Hospital de Base. Uma mãe, que não quis se identificar, disse que seu filho de dois meses deveria estar no berçário e não na emergência junto com idosos e adultos. O menino teve problemas de hidrocefalia. Ao lado dele, a menina Cleonice de Souza, de nove anos, há sete dias vem aguardando para ser operada.

O diretor sindical Antônio Alves de Souza garante que até o momento não houve nenhuma complicação maior, "mas é claro que a população está sofrendo", completa. O sindicalista diz que a expansão da greve para os hospitais de Brazlândia e Gama vai sobrecarregar o Hospital da Asa Sul e de Ceilândia.